

Uma Formatura em 1968: a turma de Pedagogia da UFC

Maria Luisa de Aguiar Amorim, a Lulu.

Fomos a última turma de uma época em que fazíamos uma turma. E isso é muito mais importante do que parece. Logo em seguida, a Reforma Universitária (de 1968), que se ensaiava, incluiria a matrícula por disciplina, onde cada um seria convencido do melhor que seria seguir o próprio ritmo, escolher disciplinas segundo o interesse próprio etc. etc. Tudo parecia muito novo e lógico, mas a lógica que se seguia incluía num projeto maior: a ideia de fragmentar a união e debilitar a força estudantil. A ideia de *Campus* Universitário inovava um espaço adequado, amplo, facilitando a racionalidade e a interdisciplinaridade dos saberes, encobrindo a estratégia que reforçava a desarticulação da organização estudantil. Já não estaríamos próximos às residências, dirigindo-nos às praças. Enfim, o Pici tornaria bem mais difícil as mobilizações e passeatas. Bem melhor era sair do Benfica e adjacências, do que lá daquele fim de mundo, difícil de andar e de identificar na arquitetura do tudo igual. Só muito recentemente (ali por meados dos anos 1980) a organização curricular por turmas voltou a ser adotada. O perigo passara.

Tudo ou quase tudo foi detonado, até o histórico prédio da UNE, no Rio de Janeiro; mas, então, aqui, no Ceará, toda a Uni-

versidade vibrava e participava dos encontros nacionais e locais: no CEU ou mesmo nas mesas do Estoril... Afinal, nada mal juntar luta e festa (que mal há em ser também festivo?). No 1º de abril de 1964 a dura verdade de uma pseudo-revolução, um golpe militar começava; e para que se desse crédito, registrou-se antecipadamente no dia 31 de março, driblando a coincidência com o Dia da Mentira. Era apenas o começo dos militares no poder, como deuses sobre o tempo!

A sociedade não se entregou facilmente. Parecia que sua classe política perdia essa hegemonia (sua capacidade de direção e domínio) e entregava à burocracia técnico-militar o poder. Lembro-me de ir à calçada, pois, frente à minha casa, passaria o novo presidente Marechal Deodoro da Fonseca, oh! sorry, era o Castello Branco, Humberto de Alencar Castello Branco. Crianças e jovens escolares uniformizados e, se a memória não falha, de bandeirinhas, acenavam, desde o antigo Aeroporto até Deus sabe onde... passando na minha porta, em carro aberto, lá na Barão do Rio Branco.

Bem, parte das classes médias se entregou assustada, em procissões de Tradição, Família e Propriedade e/ou doando ouro para o Brasil (- Onde foram parar as duplas alianças de viúva de minha mãe? E onde ficou acumulado o GBOEX, um tal seguro que muitos fizeram e nada viram?).

Outra parte das classes médias mobilizou-se, como em nenhum outro momento de nossa história: intelectuais, artistas, estudantes, professores, profissionais liberais, trabalhadores, enfim, essa classe de gente viva, sonhadora e sedenta por justiça, se articulava de modos vários.

O medo maior, no entanto, parecia velho; tal qual aquele: "o espectro do comunismo ronda a... América Latina"... Cuba fizera nos anos 50 (59) sua revolução socialista que ainda hoje, apesar da agonia de seu líder maior, da fragilidade pós-queda do muro de Berlim, abala o espaço político em acomodações nada suaves. Naquele

tempo, o medo do "espectro" trouxe para nossas praias navios estadunidenses armados para qualquer eventualidade... Era a própria sociedade capitalista brasileira que precisou ser defendida. E onde estavam nossas classes trabalhadoras?

Não pretendo reviver, dissertar ou elaborar qualquer análise política mais consistente. Apenas lembrar que em 1968 se dava o golpe no golpe, o endurecimento da situação: crimes, prisões, arbítrio, torturas à loucura! Sofrimentos de familiares e amigos: desaparecimento e morte de suspeitos. Estava instaurado o terror, pelo poder, com leis e sem possibilidade de defesas, o *habeas corpus* inexistente. Torturadores, dedos-duros mais, medo até de amigos...

Ah! Éramos jovens. Entre sonhos e fantasias, vivíamos nossas realidades, nossas ilusões e nossos ideais mais sublimes, nossos anos dourados! Tínhamos entre 21, 22 ou 25 anos. Um ou outro mais velho, mais velha, nunca mais que 30 anos. Isso sem contar a mobilização dos estudantes secundaristas, de 15, 16, 17 anos. O clima da Faculdade era muito vivo: alunos faziam debates sobre "Cristo e Marx". Ah, esse foi genial. Outros, mais engajados, ouviam atentos os debates e iam a Encontros Nacionais de Estudantes (voltavam calados, falando baixinho pra outros engajados; - afinal, em quem confiar?). Outros, tantos, participavam de atividades políticas mobilizadoras, conscientizadoras de matizes diferentes. Outros, simplesmente, acompanhavam, procurando não ser fura-greves ou coisa parecida. Caíamos em ciladas mis, violentamente violadas. Assim, com uma das nossas, o incidente (por acaso?) de segurar algo que lhe deram numa corrida de passeata e polícia. Pega ladrão pegou a menina e machucou-a por toda a vida. Foi um luto calado em classe, vivido nos olhares, cadê?

Nossa formatura, já histórica, não houve. Não foi lido discurso, senão 30 anos depois, pelo mesmo menino, o Galba, me parece. Já senhor, lindo discurso escutamos, tão depois! E agora, quando nos preparamos para a comemoração dos 40 anos de formados, lembra-

mos a formatura de 68. E só quando preparávamos nossa festa, nos demos conta de que, não apenas colamos grau sem formalidades, sem encontro com formandos de outras áreas; fomos não apenas isolados para evitar confusões ou possíveis protestos, atos, vozes. Eu, por exemplo, pensava que havia colado grau com minhas colegas e meus colegas na própria sala de aula. Então, foi que percebemos que a classe fora toda fragmentada: uns colaram grau na Reitoria, outros na sala de aula, outros alhures... A direita é sempre mais astuta do que se pensa! Muito mais sagaz e precavida, porque vive armada, tensa, preparada para golpear.

Éramos quantas equipes? Cinco: a da Estrela, com a Ana Cavalcante, Maria Angélica, Socorro Lustosa e o Assis? A da dona Lena, com a Marli, Eliane Dayse, Neíse; a da Socorro Carneiro, com a Onésia, a Socorro Memória, a Lucimar (que fez algumas disciplinas conosco), e a Magnólia; a da Vera Beatriz com a Sonia, a Mirian, a Gláucia Menezes, a Maria de Jesus e a Darcy; e a equipe Espeto, de quem? - da Coquinha, da Lulu, da Macy, da Help e da ... hum ah! da Salete, Cocão. A Nádia de qual equipe era? Sobrevivemos, a maioria, e mostramos, todas, ao que viemos; estamos na luta, uns na labuta outras... aqui. Alegres. Ninguém vendeu sua alma; umas dão mais, outras, o que podem na sua conjuntura. Sofridas, umas mais, outras menos. Mas, íntegras, dignas. A custo, aprendemos, tanto!

Incrível geração. Como sobreviver, passar, sofrer, ultrapassar e participar de tantas mudanças? Ideias nunca tão ferrenhamente postas em ação: um ideal societário de justiça, tão possível, tão projetável, quase palpável! Liberdade social, liberdade política, liberdade sexual, nunca dantes tão ousadamente vividas! Sexo e política, através de Marcuse, tiveram Freud e Marx como respaldo! Quando, em outra época, estudante deu tanto palpite na universidade que queríamos? É claro que não temos a universidade que queremos, mas já nos atrevemos muito: questionamos seu currículo, seu autori-

tarismo, sua alienação política, com seu isolamento social. Empobrecemos, é verdade; mas, ainda que por um fio, se sustenta a universidade pública e gratuita, como única porta de entrada (ainda que apertada) às possibilidades de acesso ao saber fundamentado, ao saber como instrumento de poder para as classes oprimidas. E mais: lutamos pela libertação da mulher, antes tão romanticamente frágil! Está bom que a mulher pagou e paga um preço alto. Afinal, desde o começo, o capitalismo lhe usaria como mão de obra barata; mas, agora, as classes médias, na maioria, seriam chamadas ao trabalho e a levariam à participação nas empresas, tornando-a executiva, profissional liberal e na política, profissional, conduzindo-a a cargos de primeira linha! Está certo que a mulher acumulou e acumula papéis, umas mais outras menos, conforme o grau de importância destes papéis. Um e outras se liberam de tarefas domésticas; como antes e sempre, seus maridos, companheiros, amores, namorados ou parceiros o fazem; a propalada participação masculina ainda não se consumou. Contudo, ah! Saudades do tempo em que o homem não repartia contas (mas eles queriam nos levar inteiras!) ou simplesmente eram gentis, como uns poucos, ainda nos acariciam com um tipo: "ladies first!" Bobagens...

Fomos à luta, ao trabalho, vivemos o "paz e amor" (umas mais, outras menos), dormimos de *sleeping bag*, sonhamos, provamos a música, os odores, a visão, perspectivas equivocadas ou não. O amor livre do pecado, pelo menos. Abrimos portas, sim! E nos fizemos mulheres, mães, pais ou simplesmente professoras, mulheres de saberes dos livros, da vida, das tradições e ousadias... Sabemo-nos mais sensíveis, mais corajosas, críticas, autocríticas ou, simplesmente, mulheres e homens, seres mais belos e vivos, menos assustados e mais corajosos. Valeu? É claro que valeu e está valendo. Afinal, nos sabemos fazedores de história, tecemos nossos dias, preparamos nossas manhãs. Sim, fazemos nosso presente. Somos mais possuidores de nossas vidas e destinos. Às vezes, ele nos prega peças, e como! Mas, que valentes

somos! Choramos, rezamos, conversamos, extravasamos, até esgotar, e rir de tudo outra vez. Chega. É festa, 1968 não acabou. E sabe por quê? Ele foi tão rico que contá-lo não o esgota. Está sempre aí como referência histórica que umas simples pedagogas, com honor, ousam comemorar.

Fortaleza, dezembro de 2008